

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i28.728>

*O IMPÉRIO NEOASSÍRIO E ISRAEL: imperialismo e exílio*¹

THE NEO-ASSYRIAN EMPIRE AND ISRAEL: imperialism and exile

EL IMPERIO NEOASSÍRIO E ISRAEL: imperialismo y exilio

BRIAN KIBUUKA²

Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF.
Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

bglkibuuka@uefs.br

Resumo: Os deslocamentos populacionais decorrentes de crises são problemas hodiernos que requerem a adoção de políticas públicas e a constante reafirmação dos Direitos Humanos e dos valores da cidadania. Na Antiguidade, O Imperialismo Assírio constitui um dos exemplos que permitem a observação do fenômeno da crise migratória. O Antigo Israel foi um dos povos submetidos pelos assírios ao desterramento. Este artigo analisa as políticas imperialistas assírias a partir da documentação textual e material, e relaciona essa documentação com as referências ao exílio na Bíblia Hebraica.

Palavras-chave: Exílio. Império Neoassírio. Antigo Israel.

Abstract: Population displacements due to crises are current situations that require the adoption of public policies and constant reaffirmation of Human Rights and the values of citizenship. In Antiquity, Assyrian imperialism is one of the examples that allow us to observe the phenomenon of the migratory crisis. The Ancient Israel was one of the peoples submitted by the Assyrians to the exile. This article analyzes Assyrian imperialist policies from textual and material documentation and relates this documentation to the references to exile in the Hebrew Bible.

Keywords: Exile. Neo-Assyrian Empire. Ancient Israel.

Resumen: Los desplazamientos poblacionales derivados de crisis son problemas cotidianos que requieren la adopción de políticas públicas y la constante reafirmación de los Derechos Humanos y de los valores de la ciudadanía. En la Antigüedad, el imperialismo asirio constituye uno de los ejemplos que permiten la observación del fenómeno de la crisis migratoria. El Antigo Israel fue uno de los pueblos sometidos por los asirios al destierro. Este artículo analiza las políticas imperialistas asirias a partir de la documentación textual y material, y relaciona esa documentación con las referencias al exilio presentes en la Biblia Hebrea.

Palabras clave: Exilio. Imperio Neoasírio. Antiguo Israel.

¹ Artigo submetido à avaliação em fevereiro de 2019 e aprovado para publicação em junho de 2019.

² O autor é professor de História Antiga e Medieval da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e membro do Grupo de Pesquisa Nereida (UFF).

Introdução

Os deslocamentos populacionais decorrentes de conflitos armados, terrorismo, miséria, problemas ambientais, tráfico humano, conflitos étnicos e múltiplas violações de direitos humanos têm ocupado nas últimas duas décadas um lugar de destaque na análise daquilo que se convencionou chamar de fluxos populacionais internacionais.³

Os recentes fluxos migratórios foram, nos últimos anos, potencializados em intensidade e assumiram uma maior complexidade. Tal é o caso dos refugiados africanos e do Oriente Médio, os quais massivamente se deslocam há pelo menos duas décadas em direção à Europa.⁴ É também o caso dos muçulmanos e latinos que migram para os Estados Unidos e são submetidos a políticas governamentais cada vez mais restritivas.⁵ No caso brasileiro, imigrantes haitianos, venezuelanos, sírios, chineses e de vários países africanos se dirigem em número crescente ao Brasil.⁶ Esses e outros fluxos migratórios via de regra desafiam à adoção de políticas migratórias que permitam o acolhimento humanitário e a acomodação dessas populações, geralmente sujeitas a condições precárias de cidadania.

Os fluxos migratórios que têm o Brasil como destino, em particular, recebem cada vez mais atenção e são cada vez mais alvos do trabalho desenvolvido pelos

³ ANISTIA INTERNACIONAL. *Informe 2017/2018: O Estado dos Direitos Humanos no mundo. Relatório*. Londres: Amnesty International, 2018; CANALES, A. *E pur si muove – Elementos para una teoría de las migraciones en el capitalismo global*. México: Universidad de Guadalajara, MAPorrúa Editor, 2015; DE HASS, H. Migration and development: a theoretical perspective *International Migration Review* 44 (1), 2010, p. 227-264; BASSO, P. PEROCOO, F. (orgs.). *Gli imigrati in Europa: disuguaglianze, razzismo, lotte*. Volume 1. Milão: Franco Angeli, 2003; SIMON, G. *Géodynamique des migrations internationales dans le monde*. Paris: PUF, 1995.

⁴ UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. *UNHCR Global Appeal 2016–17*. Genebra: UNHCR, 2017, p. 6).

⁵ CAMAROTA, S. A.; ZEIGLER, K. U.S. Immigrant Population Hit Record 43.7 Million in 2016. In: *Center for Immigration Studies*. Out.2017. Disponível em: <https://cis.org/Report/US-Immigrant-Population-Hit-Record-437-Million-2016>.

⁶ SIMÕES, G. da F. (org.). *Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil*. Curitiba: CRV, 2017; RELATÓRIO sobre violações de direitos humanos contra imigrantes venezuelanos. Disponível em: <http://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2018/05/relatorio-sobre-violacoes-de-direitos-humanos-contra-imigrantes-venezuelanos.pdf>; CUTTI, D. *et alii* (orgs.). *Migração, Trabalho e Cidadania*. São Paulo: EDUC, 2016; BAENINGER, R. *et alii* (orgs.). *Imigração Haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016; BAENINGER, R. (org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2012; CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (org.). *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Brasília, DF: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais, 2015; TEDESCO, J. C.; KLEIDERMACHER, G. (org.). *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Porto Alegre: EST Edições, 2017; HAYDU, M. *Refugiados congolezes na cidade de São Paulo: processo migratório e itinerários terapêuticos*. 2017. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2017; PATARRA, N. L. *Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas*. *São Paulo em Perspectiva* 19 (3), 2005, p. 23-33. Disponível em: <http://www.scientificcircle.com/>

institutos estatísticos e geográficos, especialmente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cujos dados levantados servem de base para a pesquisa acadêmica sobre migrações, especialmente a desenvolvida por sociólogos, antropólogos, geógrafos, historiadores e psicólogos sociais. Não por acaso, o assunto passou a ocupar um importante lugar no debate eleitoral das eleições brasileiras para presidente e vice-presidente; para governadores e vice-governadores dos estados da federação; e para as casas legislativas federais e estaduais no ano de 2018.

Os fluxos migratórios estão constantemente relacionados ao conceito de “crise migratória”⁷, que motiva a discussão a respeito da adoção ou não de políticas migratórias que respeitem os Direitos Fundamentais da Pessoa Humana. A ressurgência e a disseminação de ideias xenófobas dão indícios da importância de se abordar o problema, e traz à tona a necessidade de abordá-lo de forma clara e abrangente, inclusive diacronicamente. Além disso, as graves questões relacionadas ao fluxo migratório, especialmente no mundo ocidental, tornaram o ambiente propício para o avanço do totalitarismo por meio de grupos e partidos de extrema direita, em que há, via de regra, uma rejeição crescente das migrações, chegando-se até mesmo à rejeição da discussão de uma política migratória.

A utilização dos sentimentos xenófobos de populações de países que são destinos de migrações é um dos instrumentos de popularização das propostas de grupos de extrema direita. O estabelecimento e a manutenção de políticas antimigratórias tendem a ser recorrentes e tendem a se ampliar, o que torna necessária, imprescindível até, a discussão a respeito dos direitos dos imigrantes.

Urge explicar os fluxos humanos e as questões econômicas, sociais e políticas que se depreendem da ocorrência de migrações em massa. O fenômeno, porém, não é novo, mas vigora concomitantemente à presença humana em espaços sociais na extensão da história humana. Por isso, é útil e necessário adotar uma perspectiva diacrônica da questão. Êxodos, exílios, acolhimentos e repressões ao deslocamento de grandes massas populacionais são parte da experiência humana desde os seus primórdios, e o olhar para o passado permite encontrar a gênese dos direitos e deveres

⁷ O termo “crise migratória” é utilizado para descrever “fluxos migratórios significativos e complexos resultantes de uma crise e que, de um modo geral, envolvem vulnerabilidades consideráveis para as pessoas e comunidades afectadas” (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. *Migrants Caught in Crisis: The IOM Experience in Libya*, 2012, p. 5. Disponível em: http://publications.iom.int/bookstore/free/MigrationCaughtinCrisis_forweb.pdf

humanitários que hoje são fomentados pela Organização Internacional para Migrações (OIM), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) que procura criar alternativas os dilemas migratórios globais.⁸

A discussão em torno da adoção de políticas que façam valer os direitos fundamentais de grupos desterritorializados está relacionada a um conceito comumente utilizado para se fazer menção aos problemas decorrentes de deslocamentos populacionais em massa: o conceito de “crise”.⁹ A complexidade das crises migratórias e os impasses na adoção de políticas públicas que enfrentem o problema podem ser superados mediante a análise de casos de nações anfitriãs¹⁰ e de origem¹¹ temporalmente situadas naquilo que se convencionou chamar de “Antiguidade”.

Os deslocamentos populacionais em massa podem se enquadrar em alguns rótulos adotados no âmbito de sua descrição: “diáspora”, “exílio”, “migração” e “êxodo”. Este artigo visa produzir uma contribuição ao estudo do tema a partir da observação do fenômeno na Antiguidade.

E também visa analisar as evidências e os sentidos dos fluxos migratórios da Antiguidade a partir dos deslocamentos populacionais promovidos pelo Império Assírio no Levante, especialmente na Idade do Ferro (séculos XI-VIII a.C.). Logo, tratar-se-á do exílio do Reino de Israel ou Reino do Norte, que acarretou a sua definitiva dissolução como reino autônomo. A partir das fontes literárias e materiais submetidas ao escrutínio de uma investigação histórico-cultural, este artigo visa demonstrar como o fluxo migratório de Israel forçado por um Império provocou reflexos na Bíblia Hebraica.

Questões teóricas relacionadas ao imperialismo e ao exílio na Antiguidade

A punição de povos rebeldes por meio da retirada parcial ou total da população e reinstalação em outro território foi uma política imperialista utilizada no Antigo Oriente

⁸ AHOUGA, Y. The local turn in migration management: The IOM and the engagement of local authorities. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 2017, p. 1-18.

⁹ BAUDER, H. Understanding Europe’s Refugee Crisis: A Dialectical Approach. *Geopolitics, History and International Relations* 8 (2), 2016, p. 64-74; BENDIXSEN, S. K. N. The Refugee Crisis: Destabilizing and Restabilizing European Borders. *History and Anthropology* 27 (5), 2016, p. 536-554.

¹⁰ DESILLE, A. *Governing or being governed? A scalar approach of the transformations of state power and authority through the case of immigration and integration policies of four frontier towns in Israel*. Poitiers: Université de Poitiers, 2017.

¹¹ LACROIX, T. *Les réseaux marocains du développement, Géographie du transnational et politiques du territorial*. Paris: Presses de Sciences Politiques, 2005; *Hometown transnationalism: Long distance villageness among Indian Punjabis and North African Berbers*. London: Palgrave Macmillan, 2016.

Próximo desde a Era do Bronze. Essa medida decorre da permanente ameaça de rebelião das nações e povos menores submetidos ao domínio de uma nação maior e da dificuldade, no Mundo Antigo, de reprimir revoltas à distância dos centros de poder imperiais. Os povos exilados eventualmente promoviam a reconstituição de seu passado como parte das estratégias de afirmação de identidade social e étnica no tempo de seu desterramento, e essa reconstituição assumiu muitas vezes a forma de narrativa que se irradiava nas tradições, nas artes e na cultura particular desses povos.¹²

A análise das políticas de exílio/deportação na Idade do Ferro e de seus reflexos na formação das tradições da Bíblia Hebraica passa pela identificação das práticas de dominação dos impérios da Antiguidade, especialmente dos deslocamentos populacionais forçados. Passa também pela interpretação à luz do desterramento de significativas passagens provenientes das tradições da Bíblia Hebraica, forjadas no período do exílio Assírio, Babilônico, os quais representam parte da duradoura e ampla política de exilamento no Antigo Oriente Próximo desde pelo menos o século XIII a.C.

O imperialismo deixou marcas na literatura do Antigo Israel. Essas unem a fé em Yahweh às tradições e memórias do povo, sendo inclusive um instrumento disponibilizado para explicar a razão do desterro e da derrota de Israel.¹³

A teorias imperialistas e o Mundo Antigo

Um ponto de partida comumente utilizado para a elucidação da realidade político-econômica das relações entre os impérios da Antiguidade e o impacto desses sobre os povos submetidos aos seus domínios é o estudo clássico de Adams a respeito de “diferenças filosóficas básicas” entre as lógicas de dominação dos impérios. O estudo de Adams foi publicado no final de 1907, mas ainda é uma contribuição relevante para o debate da questão.¹⁴

¹² HEINZ, M. Migration und Assimilation im 2. Jt. v. Chr.: Die Kassiten. In: BARTL, K. (ed.). *Zwischen Euphrat und Indus*. Hildesheim: Olms, 1995, p. 164-174; JAKOB, S. Zwischen Integration und Ausgrenzung: Nichtassyrier im mittelassyrischen ‘Westreich’. In: VAN SOLDT, W. H. (ed.). *Ethnicity in Ancient Mesopotamia*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2005, p. 180-188; LACKENBACHER, S. Les étrangers dans l’empire néo-assyrien à travers la correspondance des Sargonides. In: JUSTEL, J. J. (ed.). *Las culturas del Próximo Oriente antiguo y su expansión mediterránea*. Zaragoza: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2008, p. 35-51.

¹³ A Obra de História Deuteronomista (DtG), por exemplo, insere um julgamento em cada personagem narrado para vincular o resultado das ações do personagem à adequação ou não dele à correta conduta teológica. Ver: Deuteronomio 30.1-4.

¹⁴ ADAMS, R. M. Common Concerns but Different Standpoints: A Commentary. In: LARSEN, M. T. (ed.). *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires* (Mesopotamia Copenhagen Studies in Archaeology 7). Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979, p. 393-404 (em especial, p. 400).

Adams adota uma perspectiva materialista, marcadamente econômica, em sua análise das expansões imperialistas. O autor afirma a necessidade de explicar quais foram as estratégias adotadas pelos impérios da Antiguidade para adquirirem recursos. Também são alvos de sua investigação os impactos das ações dos impérios sobre os povos a eles submetidos.

As pesquisas desde Adams pressupõem que a busca de recursos é subjacente a toda ideologia e ação imperial. Pressupõem também que as práticas de domínio e imposição de poder imperialistas são veículos eficazes quando se deseja a viabilização da exploração econômica inter-regional. O ponto de vista materialista tem sido articulado frequentemente com o modelo núcleo/centro-periferia ou com a noção de sistemas mundiais,¹⁵ que prevê o desenvolvimento econômico do centro, concomitante ao subdesenvolvimento de áreas periféricas que lhe servem de apoio.¹⁶

Outro ponto de vista comumente adotado é a consideração da primazia, na ideologia imperial, da estrutura social. Sob tal perspectiva, as atividades imperiais produzem transferências econômicas, mas tais não são os objetivos finais da atuação, mas são instrumentos para que se obtenha o poder político.¹⁷ Esse ponto de vista não permite que se considere uma regra a drenagem sistemática e de longo prazo das riquezas da periferia para o centro. Além disso, o peso da atuação do império se dá em um desnível de balanço imperial que evidencia ser a dominação imperialista economicamente “irracional”. Uma importante expressão dessa abordagem é a tipologia imperial “patrimonial/burocrática” proposta por Eisenstadt.¹⁸

¹⁵ Veja o modelo núcleo/centro-periferia ou a noção de sistemas mundiais em WALLERSTEIN, I. *The Modern World System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press, 1974.

¹⁶ Ver: EKHOLM, K. & FRIEDMAN, J. “‘Capital’ Imperialism and Exploitation in Ancient World Systems”. In: LARSEN, M. T. (ed.). *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires* (Mesopotamia Copenhagen Studies in Archaeology 7). Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979, p. 41–58. Ver ainda: SMITH, S. T. *Askut in Nubia: The Economics and Ideology of Egyptian Imperialism in the Second Millennium BC*. London: Kegan Paul Intl, 1995.

¹⁷ Ver: KEMP, B. J. “Imperialism and Empire in New Kingdom Egypt (c. 1575–1087 B.C.)”. In: GARNSEY, P. & WHITTAKER, C. R. (eds.). *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 7-57; SMITH, S. T. Why Empires Rise: Review of Askut in Nubia. *Cambridge Archaeological Journal* 7, 1997, p. 125-131; FINLEY, M. I. Empire in the Greco-Roman World. *Greece and Rome* 25, 1978, p. 1-15; EISENSTADT, S. N. Observations and Queries about Sociological Aspects of Imperialism in the Ancient World. In: LARSEN, M. T. (ed.). *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires* (Mesopotamia Copenhagen Studies in Archaeology 7). Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979, p. 21-34; SCHLOEN, J. D. *The House of the Father as Fact and Symbol: Patrimonialism in Ugarit and the Ancient Near East* (Studies in the Archaeology and History of the Levant 2). Winona Lake: Eisenbrauns, 2001.

¹⁸ Ver: EISENSTADT, S. N. Observations and Queries about Sociological Aspects of Imperialism in the Ancient World. In: LARSEN, M. T. (ed.). *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires*

Eisenstadt faz uma distinção entre “reinos patrimoniais”, que apresentam “*few symbolic and institutional differences between the center and periphery*” [“poucas diferenças simbólicas e institucionais entre o centro e a periferia”] e os “regimes burocráticos imperiais”, como a China e Bizâncio, que são caracterizados por “*a high level of distinctiveness of the center*” [“um alto nível de distinção do centro”] e uma autoconsciente “Grande Tradição”.

Quanto ao modelo territorial-hegemônico, esse foi desenvolvido originalmente por Luttwak para a análise do Império Romano,¹⁹ mas foi aplicado posteriormente por Hassig para a análise do Império Asteca;²⁰ e por D’Altroy para a análise do Império Inca.²¹ No modelo territorial-hegemônico, a intensidade do controle imperial em diferentes partes de um império varia ao longo do *continuum* entre o pleno controle territorial através da anexação, à hegemonia política e influência. Sendo assim, o aumento dos benefícios econômicos de um império teria relação com as ações estratégicas de controle, devendo ser considerados na análise os custos econômicos e políticos da ampliação do domínio.²²

Os modelos núcleo/centro-periferia e sistemas-mundo foram e ainda são muito utilizados como fundamento teórico-explicativo das políticas de exílio. Porém, eles ultimamente são objetos de críticas advindas dos estudos pós-coloniais por causa do seu viés centrista. A compreensão de que todas as mudanças são iniciadas pelo império e que o poder e o controle emanam do núcleo imperial são generalizações que não parecem corresponder à realidade em que periferias podem atuar de forma a moldar eventos e fomentar transformações.²³

(Mesopotamia Copenhagen Studies in Archaeology 7). Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979, p. 21-34 (em especial, p. 22-25).

¹⁹ LUTTWAK, E.N. *The Grand Strategy of the Roman Empire: from the First Century AD to the Third*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976.

²⁰ HASSIG, R. *Aztec Warfare Imperial Expansion and Political Control*. Norman: University of Oklahoma Press, 1988; *War and Society in Ancient Mesoamerica*. Berkeley: University of California Press, 1992.

²¹ D’ALTROY, T. N. *The Incas*. Oxford: Blackwell, 2002.

²² D’ALTROY, T. N. *Provincial power in the Inka empire*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1992, p. 19-20.

²³ Ver, por exemplo: SINOPOLI, C. M. Empires. In: FEINMAN, G. & PRICE, T. D. (eds.). *Archaeology at the Millennium: A Source Book*. New York: Kluwer Academic/Plenum, 2001, p. 465 (p. 439-471); WEBSTER, J. Roman Imperialism and the ‘Post Imperial Age’. In: WEBSTER, J. & COOPER, N. J. (eds.). *Roman Imperialism: Post-Colonial Perspectives. Proceedings of a Symposium Held at Leicester University in November 1994*. Leicester: School of Archaeological Studies. University of Leicester, 1996, p. 1-17.

A aproximação teórica a respeito das modalidades de imperialismo ajuda a entender os sentidos do exilamento dentro do bojo das ações de dominação. O cruzamento entre as peculiaridades dos sítios arqueológicos de Impérios e de seus domínios e as informações sobre as trocas e relações existentes entre os Impérios do Antigo Oriente Próximo, especialmente o Império Neoassírio, e Israel, ajudará a entender melhor o texto bíblico, especialmente àquilo que diz respeito às tradições relacionadas ao exílio.

A política assíria de desterramento no período Médio-Assírio (1392-1056 a.C.)

Como já se informou acima, o imperialismo que se desdobra em desterramentos, em grandes deslocamentos populacionais ou em exílios, tem seus antecedentes no Mundo Bíblico, no chamado Antigo Oriente Próximo. O deslocamento de populações dominadas era uma prática dos regentes de Mari, dos hititas e dos egípcios.

Um texto que alude a alguns eventos relacionados a uma campanha militar assíria promovida por Salmaneser I em Urartu (Ararat) no século XIII a.C. (Império Médio Assírio), encontrado na biblioteca provincial neoassíria em Huzirina, moderna Sultantepe, ajuda a elucidar as origens da prática de desterramentos. A narrativa, escrita em estilo épico, difere dos anais dos reis assírios. O relato faz menção às ordens de Salmaneser I, que são dadas em primeira pessoa ao seu general. Há, no texto, exortações à bravura, intercaladas à menção da deportação de jovens de Urartu para a Assíria.²⁴ Os registros assírios também informam que Salmaneser exilou 14.400 prisioneiros da região do Médio Eufrates (Hanigalbat), liderados por Shattuara.²⁵ Esses registros assírios da campanha em Urartu são os testemunhos mais antigos da política de imposição sistemática de exílio contra os inimigos derrotados.

Tiglata-Pileser I, regente assírio do século XII a.C., intensificou os desterramentos e qualificou ainda mais as práticas de domínio. As deportações em massa tornaram-se parte do sistema de domínio militar de Tiglata-Pileser I, que passou a reocupar os territórios desocupados.²⁶ As medidas punitivas contra os adversários

²⁴ LIVINGSTONE, A. *Court Poetry and Literary Miscellanea, State Archives of Assyria 3*. Helsinki: University of Helsinki Press, 1989, n. 17.

²⁵ GRAYSON, A. K. *Assyrian Royal Inscriptions*. Volume 1. Wiesbaden: Harrassowitz, 1972, p. 82, §530.

²⁶ ODED, B. *Deportations and Deportees in the Neo-Assyrian Empire*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 1979, p. 20.

derrotados foram descritas em detalhes na documentação que remonta a Tiglate-Pileser I, ainda que os números fornecidos nas inscrições possam muitas vezes ser exagerados.²⁷

Há pouca dúvida de que Tiglate-Pileser I tenha exilado dezenas e talvez até centenas de milhares de pessoas, transformando as localidades submetidas à vitória militar assíria em assentamentos cuja ocupação dava-se por grupos étnicos de outras regiões, grupos designados pelos assírios e submetidos por eles a um controle rígido. Eventualmente, porém, o desterramento era postergado ou mesmo descartado. Uma cidade do reino dos reis de Qumanu, por exemplo, foi poupada, sob a condição de que os seus habitantes destruíssem todas as fortificações até as suas fundações. Além disso, as famílias de trezentos rebelados contra a Assíria foram forçadas ao exílio.²⁸

O século XII a.C., especialmente a partir de 1150 a.C., é marcado pela independência dos estados do Levante, após os “Povos do Mar” quebrarem a dominação hitita no norte e o controle egípcio no sul. Em tal período, os assírios mantiveram a autonomia e tinham mais força do que o Egito, Babilônia, Elão, Frígia, Urartu, Pérsia e Média.

A política assíria de desterramento no período Neoassírio (934-609 a.C.)²⁹

O último terço do século X a.C. é marcado pela campanha regular assíria em direção ao oeste para recapturar suas antigas terras dos arameus. As áreas ocupadas foram então povoadas e foram desenvolvidos centros administrativos nas cidades (re)conquistadas para governo da região em que ela era inserida. Foi desenvolvida a infraestrutura, foram construídos canais ao longo do rio Hurur, tornaram possível o transporte das mercadorias e consertaram a rede rodoviária construída no período Médio Assírio para estabelecer uma ligação direta com as principais cidades.

Até a metade do século IX a.C., correspondente à primeira fase da intervenção assíria, exilamentos eram raros. Porém, a partir do século IX a.C. em diante, a Assíria,

²⁷ DE ODORICO, M. *The Use of Numbers and Quantifications in the Assyrian Royal Inscriptions*. Helsinki: The Neo-Assyrian Text Corpus Project, 1995, p. 100-103, 170-171 e 198.

²⁸ FRAHM, E. Warum die Brüder Böses planten: Anmerkungen zu einer alten Crux in Asarhaddons Ninive A-Inschrift. In: ARNOLD, W. *et. al.* (eds.). *Philologisches und Historisches zwischen Anatolien und Sokotra: Analecta Semitica In Memoriam Alexander Sima*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2009, p. 27-50.

²⁹ PARPOLA, S. National and Ethnic Identity in the Neo-Assyrian Empire and Assyrian Identity in Post-Empire Times. *Journal of Assyrian Academic Studies* 18 (2), 2004, p. 5-22.

nos reinados de Assurnasirpal II e Salmaneser III, utilizou o exílio como uma arma econômica e política.

O governo de Assurnasirpal II (883-859 a.C.) uniu a Assíria dentro de suas fronteiras tradicionais, no Médio Eufrates. Salmaneser III (858-824 a.C.) beneficiou-se da unidade e da relativa paz, e reiniciou as ações militares com vistas à conquista e à expansão. Foram realizadas várias campanhas contra Damasco, Hamate e outras cidades da Síria. Nesse tempo, os assírios também fizeram campanhas contra Israel, sendo um destaque a batalha de Qarqar, em que Acabe preparou-se para resistir aos assírios formando um grande exército.³⁰

A prática da deportação em massa, utilizada primeiramente por Salmaneser I no período Médio-Assírio, foi eventualmente intensificada pelos reis do Império Neoassírio. A deportação continuava a ter alguns objetivos mais gerais: destruir a identidade das comunidades colonizadas, reduzindo o potencial da resistência armada; e permitir que o rei assírio enviasse um grande número de trabalhadores para onde quer que eles fossem necessários. Tais desterrados tornavam-se colonos nas províncias subdesenvolvidas, e dedicavam-se ao trabalho agrícola; ou eram deslocados para as capitais assírias, onde os exilados eram necessários para a viabilização das obras públicas, especialmente as edificações assírias dedicadas ao governo, administração e moradia.

É certo que a dominação assíria ainda se fazia mais comumente por meio da prática de vassalagem. Ilustra isso as relações entre os assírios e Israel, pois sabe-se que durante as décadas de 840 e 830 a.C., Salmaneser III empreendeu uma série de campanhas na Síria, com 120.000 soldados de acordo com inscrições reais. Os resultados da investida assíria em 841 a.C., após a morte de Hadad-Ezer de Damasco, foi o estabelecimento de uma relação de vassalagem de Irudieni de Hamate e Jeú, o rei de Israel, os quais passaram a enviar tributos à Assíria, como está retratado no Obelisco Negro de Salmaneser III.³¹ Em aproximadamente 800 a.C., Joás pagou tributos a Adad-Nirari III. Durante toda essa fase, a Assíria não fez nenhuma anexação direta, mas impôs um pagamento de tributo aos muitos estados sírios. A expansão territorial real

³⁰ KELLE, B. E. What's in a Name? Neo-Assyrian designations for the Northern Kingdom and their implications for Israelite history and Biblical interpretation. *Journal of Biblical Literature* 121 (4), 2002, p. 639-666. Ver a estela de Qarqar, que registra o conflito, em: SMITH, S. *Assyrian sculptures in the British Museum, from Shalmaneser III to Sennacherib*. London: British Museum, 1938.

³¹ GRAYSON, A. K. *Assyrian Rulers of the Early First Millennium B.C. II (858-745 B.C.)*. Toronto: University of Toronto Press, 1996, p. 47, 150.

diminuiu, adiada pela necessidade de mudança na estrutura assíria: alguns altos funcionários do Império assumiram o controle praticamente autônomo de grandes áreas. Na primeira metade do oitavo século, intervenções assírias além do Eufrates tornaram-se bastante raras.

A emergência de Tiglate-Pileser III (744-727 a.C.) representou a contenção do processo de fragmentação política interna do Império Neoassírio, o que permitiu a retomada da política de consolidação interna e expansão externa. A vitória assíria na batalha de Kishtan (743 a.C.) sobre Urartu e seus aliados do norte da Síria permitiu a expansão assíria por toda a Síria e Palestina, a qual contou com o auxílio da eficiente máquina de guerra de Tiglate-Pileser III. O exército assírio capturou Aleppo, Patina, Hadrach e Damasco (732 a.C.). Após tais anexações, Israel seria o próximo alvo natural da ação expansionista do Império Assírio.³²

O rei assírio invadiu primeiramente a região setentrional de Israel, conquistando facilmente as regiões da Galileia e Gileade (734-733 a.C.). As atestações arqueológicas dessas destruições podem ser encontradas em Tel Kinneret, 'En Gev e Tel Hadar, às margens da Lagoa da Galileia; e em Tell el-Far e Beth Shean. Samaria não foi conquistada nessa primeira campanha.³³

Os problemas externos provocaram o fortalecimento das oposições internas em Israel. Peca foi morto em um golpe de estado organizado por Oseias, que reinou de 732-724 a.C. como um vassalo assírio.³⁴ O território de Israel estava então limitado então a Efraim e Manassés. O restante foi para o exílio, conforme atesta a própria Bíblia Hebraica.³⁵

Durante os últimos anos do reinado de Tiglate-Pileser III, o Império Neoassírio voltou a sua atenção para a Babilônia, onde conflitos entre elites urbanas tradicionalmente ocupadas, homens fortes caldeus e tribos aramaicas levaram a uma situação altamente volátil.³⁶ Cerca de vinte cartas enviadas a Tiglate-Pileser III por seus

³² TADMOR, H. *The Inscriptions of Tiglath-Pileser III, King of Assyria: Critical Edition, with Introductions, Translations, and Commentary*. Jerusalem: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1994.

³³ DEVER, W. G. *Beyond the texts: An Archaeological Portrait of Ancient Israel and Judah*. Atlanta: SBL Press, 2017, p. 513.

³⁴ 2 Reis 15.30.

³⁵ 2 Reis 15.29.

³⁶ BERLEJUNG, A.; STRECK, M. (eds.). *Arameans, Chaldeans, and Arabs in Babylonia and Palestine in the First Millennium B.C.* Wiesbaden: Harrassowitz, 2013.

agentes na Babilônia³⁷ e cartas neobabilônicas de Nippur³⁸ lançam luz sobre os acontecimentos no sul. Em 731 a.C., Mukin-zeri, um líder da “tribo” caldeia de Bit-Amukani, havia tomado o trono babilônico. Tiglate-Pileser III considerou isso um ataque aos interesses assírios. Em 729 a.C., ele atacou e derrotou Mukin-zeri e assumiu o título de “rei da Babilônia”. Além de procurar o apoio dos habitantes da Babilônia, centro religioso e cultural extremamente importante, Tiglate-Pileser III fez campanhas contra fortalezas caldeias no sul, consolidando o domínio da Assíria sobre a Babilônia por meio de deportações que desarticulavam a resistência no entorno da importante cidade.

Sargão II enfrentou uma insurreição iniciada por Yau-bi'di de Hamate e apoiada por Arpad, Şimirra, Damasco e Samaria, no oeste, que ameaçava desfazer as estruturas provinciais estabelecidas por Tiglate-Pileser III e Salmaneser V. Os insurgentes tentaram acabar com todos os assírios, mas em 720 a.C., enquanto o próprio Sargão II fazia campanha no leste, os seus generais foram capazes de sufocar a rebelião.³⁹ Como corretamente relatado na Bíblia Hebraica, um dos resultados dos eventos foi que muitas pessoas de Samaria foram deportadas para Guzana no triângulo de Khabur, Ḫalahḫu no centro da Assíria e Média no leste.⁴⁰ Eles, juntamente com os israelitas exilados por Tiglate-Pileser III em 732 a.C., formam as “dez tribos perdidas” de Israel. Alguns anos depois, Sargão II reassentou os estrangeiros de outras partes do império em Samaria, entre eles um número significativo de árabes.⁴¹

Durante os últimos anos de seu reinado, Sargão II, como o fizera antes Tiglate-Pileser III no fim de seu reinado, voltou a sua atenção para a Babilônia. Uma coalizão com Elão, liderada por Marduk-aplu-iddina, governante caldeu estabelecido no trono babilônico por doze anos, fez-lhe oposição, mas se desintegrou lentamente, e Sargão II enfrentou pouca resistência quando liderou suas tropas no sul em 710.⁴²

³⁷ PARPOLA, S. (ed.). *State Archives of Assyria*. Volume 19. Helsinki: Helsinki University Press, 1987, XXVIII-XXXIII.

³⁸ COLE, S.W. *The Early Neo-Babylonian Governor's Archive from Nippur*. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 1996, números 6, 16-18, 21-22 e 97.

³⁹ BAGG, A. M. *Die Assyrer und das Westland: Studien zur historischen Geographie und Herrschaftspraxis in der Levante im 1. Jt. v.u.Z., OLA 216*. Leuven: Peeters, 2011, p. 233-236; FRAHM, E. A Sculpted Slab with an Inscription of Sargon II Mentioning the Rebellion of Yaubi'di of Hamath. *Altorientalische Forschungen* 40, 2013, p. 42-54.

⁴⁰ 2 Reis 17.6.

⁴¹ BECKING, B. *The Fall of Samaria: An Historical and Archaeological Study*. Leiden: Brill, 1992, p. 61-104.

⁴² PARPOLA, S. (ed.). *State Archives of Assyria*. Volume 15. Helsinki: Helsinki University Press, 1987, XIV-XXII.

Marduk- aplu- iddina fugiu, e os cidadãos da Babilônia abriram seus portões para Sargão recebê-lo, e o fizeram com grande entusiasmo. As tropas de Sargão perseguiram Marduk- aplu- iddina na cidade de Dur-Yakin, capital de sua terra ancestral Bit- Yakin, e depois de prolongadas negociações chegaram a um acordo com os yakinitas que permitiu aos assírios destruírem as muralhas de Dur-Yakin, enquanto Marduk- aplu- iddina e sua família e partidários receberam passagem livre para se exilarem em Elão.

As consequências das deportações do período assírio tardio são significativas. Elas, por exemplo, mudaram para sempre a composição etnolinguística da Ásia Ocidental, diluindo a diversidade cultural da região e intensificando a ascensão do aramaico como língua franca. Há poucas dúvidas de que as deportações foram muitas vezes devastadoras para as populações afetadas, mas é importante ter em mente que, ao contrário das migrações em massa nos tempos atuais, elas geralmente não eram o resultado da iniciativa dos migrantes, mas dos invasores. O desafio, porém, é compreender diante da documentação material e textual disponível o sentido geral das políticas de deportação e dos casos específicos de exilamento, mediante o cruzamento dos dados com uma análise política, social e econômica dos exílios na Idade do Ferro.

Imperialismo Neoassírio e a sua análise

Foram os estudos mais recentes sobre o Império Neoassírio que estabeleceram as críticas contra a noção de adoção de “políticas” econômicas sistemáticas em relação aos territórios imperiais no âmbito da aplicação do modelo núcleo/centro-periferia. Tais estudos mostram a inconsistência dessas teorias para abordar o modelo econômico assírio aplicado às diferentes regiões. No caso assírio, preocupações políticas e militares fornecem uma explicação melhor para as relações econômicas.⁴³ Sendo assim, os aumentos no fluxo das atividades comerciais são resultados da estabilidade política, da abertura de novos mercados e dos esforços assírios.⁴⁴

⁴³ NA'AMAN, N. Ekron under the Assyrian and Egyptian Empires. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 332, 2003, p. 81-91; NAKHAI, B. A. What's a Bamah? How Sacred Space Functioned in Ancient Israel. *Biblical Archaeology Review* 20, 1994, p. 18-29, 77-78; MASTER, D. Trade and Politics: Ashkelon's Balancing Act in the Seventh Century BCE. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 330, 2003, p. 47-64.

⁴⁴ MAZZONI, S. Syria and the Periodization of the Iron Age: A Cross-Cultural Perspective. In: BUNNENS, G. (ed.). *Essays on Syria in the Iron Age* (Ancient Near Eastern Studies Supplement 7). Louvain: Peeters, 2000, p. 31-60; NA'AMAN, N. Ekron under the Assyrian and Egyptian Empires. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 332, 2003, p. 81-91; MASTER, D. Trade and

Outra perspectiva a respeito do imperialismo assírio aponta para a existência de um “consenso para o império”.⁴⁵ Em tal consenso, muitos indivíduos e grupos em todo o reino assírio atuavam de forma socialmente integrada, sendo destaques da identidade assíria a existência de uma elite imperial, a adoção do idioma aramaico e a existência de um exército imperial. Esses três elementos da identidade imperial uniram o império e transformaram a sociedade, integrando-a em torno de tais pontos identitários.⁴⁶

A teoria de uma divisão entre centro e periferia parece, diante do caso assírio, uma simplificação que não corresponde à realidade histórica. O desenvolvimento do Império Neoassírio criou novas divisões entre os grupos dominados que não se perfilavam nos extremos, mas que se situavam entre o centro e a periferia. Não obstante tantas exceções e tantos grupos, o ponto de vista núcleo/centro-periferia tornou-se quase a sabedoria convencional na literatura sobre o Império Neoassírio. Além disso, a pesquisa atribuiu ao expansionismo assírio a tentativa de controlar os recursos naturais e as rotas comerciais:⁴⁷ Gitin⁴⁸ e Allen⁴⁹ defenderam a aplicação da teoria dos sistemas mundiais para a assíria; e Parker⁵⁰ invocou o modelo territorial-hegemônico do império como instrumento teórico para descrever a organização assíria. Os três autores argumentam que as suas pesquisas a partir da análise das escavações na periferia do império mostram que as autoridades imperiais assírias transformaram seletivamente os

Politics: Ashkelon's Balancing Act in the Seventh Century BCE. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 330, 2003, p. 47-64.

⁴⁵ LANFRANCHI, G. B. Consensus to Empire: Some Aspects of Sargon II's Foreign Policy. In: HAUPTMANN, H. & WAETZOLDT, H. (eds). *Assyrien im Wandel der Zeiten XXXIXe Rencontre Assyriologique Internationale, Heidelberg 6.-10. Juli 1992*. Heidelberg: Heidelberger Orientverlag, 1997, p. 81-87.

⁴⁶ LUMSDEN, S. Power and Identity in the Neo-Assyrian World. In: NIELSEN, I. (ed.). *The Royal Palace Institution in the First Millennium BC* (Monographs of the Danish Institute at Athens). Aarhus: Aarhus University Press, 2001, p. 33-51.

⁴⁷ JANKOWSKA, N. Some Problems of the Economy of the Assyrian Empire. In: DIAKONOFF, I. M. (ed.). *Ancient Mesopotamia*. Moscow: Nauka Publisher House, Central Department of Oriental Literature, 1969, p. 253-276; ODED, B. The Phoenician Cities and the Assyrian Empire in the Time of Tiglath-Pileser III. *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins* 90, 1974, p. 38-49; LARSEN, M. The Tradition of Empire in Mesopotamia. In: LARSEN, M. T. (ed.). *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires* (Mesopotamia Copenhagen Studies in Archaeology 7). Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979, p. 75-102.

⁴⁸ GITIN, S.; DOTHAN, T.; NAVEH, J. A Royal Dedicatory Inscription from Ekron. *Israel Exploration Journal* 47, 1997, p. 1-16.

⁴⁹ ALLEN, M. *Contested Peripheries: Philistia in the Neo-Assyrian World-System*. Tese de doutorado. Los Angeles: University of California, 1997.

⁵⁰ PARKER, B. J. *The Mechanics of Empire: The Northern Frontier of Assyria as a Case Study in Imperial Dynamics*. Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project, 2001.

territórios dominados, de modo a extrair o máximo de receita deles. Tais conclusões são amplamente citadas pelos historiadores.⁵¹

A análise dos dados mostra ainda que, nas regiões em que o controle assírio era indireto (reinos clientes), a pressão para o pagamento do tributo ao rei assírio tinha por objetivo o estímulo à adoção de uma economia de mercado.⁵² Caso se desvie o olhar no estudo do Império Assírio dos palácios e templos das capitais imperiais para as questões sociais e econômicas, especialmente para a periferia imperial, observa-se um significativo desenvolvimento das periferias imperiais. Por essa razão, Adams desafiou os arqueólogos a colocarem à prova as teses dos defensores do modelo núcleo/centro-periferia mediante a observação do desenvolvimento econômico do centro imperial, e do subdesenvolvimento da periferia do Império.

Adams se propôs a investigar como as tendências demográficas e econômicas assírias se comparam ou contrastam com as dos territórios conquistados. Além disso, interessava ao autor como eram os fluxos econômicos entre a Assíria e os territórios conquistados. Por fim, em relação às atividades expansionistas, o autor abordou como a economia e a qualidade de vida melhoravam por causa das sucessivas fases de conquista externa⁵³

O expansionismo neoassírio e as reações: as evidências da Bíblia Hebraica

Quando os invasores assírios embarcaram no empreendimento de expandirem seu território por meio de conquistas permanentes, os desafortunados Estados sírio-palestinos (Síria, Fenícia, Israel, Judá, Edom, Moabe e Filístia) procuraram se aliar ao

⁵¹ HALPERN, B. Jerusalem and the Lineages in the Seventh Century BCE: Kinship and the Rise of Individual Moral Liability. In: HALPERN, B. & HOBSON, D. W. (eds.). *Law and Ideology in Monarchic Israel*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1991, p. 11-108; FALES, F. M. *L'Impero Assiro: Storia e Amministrazione (IX-VII Secolo A.C.)*. Rome: Editori Laterza, 2001; FINKELSTEIN, I. & SILBERMAN, N. A. *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. New York: Free Press, 2001; VAN DE MIEROOP, M. *A History of the Ancient Near East ca. 3000-323 BC*. Oxford: John Wiley & Sons, 2003.

⁵² FRANKENSTEIN, S. The Phoenicians in the Far West: A Function of Neo-Assyrian Imperialism. In: LARSEN, M. T. (ed.). *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires* (Mesopotamia Copenhagen Studies in Archaeology 7). Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979, p. 263-294; OLIVIER, J. P. J. Money Matters: Some Remarks on the Economic Situation in the Kingdom of Judah during the Seventh Century B.C. *Biblishe Notizien* 73, 1994, p. 90-100; BYRNE, R. Early Assyrian Contacts with Arabs and the Impact on Levantine Vassal Tribute. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 331, 2003, p. 11-25; ROUTLEDGE, B. *Moab in the Iron Age: Hegemony, Polity, Archaeology*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

⁵³ ADAMS, R. M. Common Concerns but Different Standpoints: A Commentary. In: LARSEN, M. T. (ed.). *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires* (Mesopotamia Copenhagen Studies in Archaeology 7). Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979, p. 393-404 (especialmente 396-397).

Egito. Os egípcios não tinham nenhum afeto particular por seus pequenos vizinhos do norte, mas não tinham o menor desejo de ver uma nação poderosa como a Assíria estabelecendo-se em suas fronteiras. Por essa razão, o Egito estava pronto para ouvir pedidos de ajuda das nações siro-palestineses.

Os registros assírios relativos a “Azriau de Yaudi” (Azarias de Judá) estão quebrados e são difíceis de ler, mas não há dúvida de que houve uma coligação síria antiassíria.⁵⁴ Essa coligação foi derrotada, e o resultado da sua derrota foi a imposição por Tiglate-Pileser III de um tributo a ser pago pelos reis locais, especialmente por Uzias de Judá, Menaém de Israel e Rezim da Síria. A Bíblia Hebraica mostra que o tributo a ser pago por Menaém é de 50 shekels (aproximadamente o preço de um escravo) de todos os proprietários de terras de seu reino, uns 60.000 ao todo.⁵⁵ Pagando esse tributo, Menaém conseguiu o apoio assírio para manter seu trono. Por outro lado, a soma paga pelos israelitas aos assírios era tão grande que Menaém tornou-se muito impopular em Samaria.

Quando Menaém morreu, Pecaías, seu filho, o sucedeu.⁵⁶ Peca, após desafiar o novo rei, assassinou-o e usurpou o trono de Samaria.⁵⁷ É razoável supor a possibilidade de que o “manifesto eleitoral” de Peca contivesse uma promessa de mudar a política israelita nas relações com a Assíria. Por essa razão, Rezim de Damasco fez uma aliança com Israel e ambos, Síria e Israel, começaram os preparativos militares para o inevitável conflito com Tiglate-Pileser III. Alguns Estados menores foram preparados para apoiá-los no empreendimento, mas Judá recusou-se a fazê-lo. A prudência do rei Acáz impediu a entrada de Judá na aliança.

Os líderes da coalizão de forças siro-palestinese, os reis Peca e Rezim, ficaram consternados com a recusa de Judá em entrar na aliança. Mais ainda do que isso: eles ficaram ardendo de raiva como “tições fumegantes”.⁵⁸ Os confederados não podiam se dar ao luxo de ter um aliado em potencial em posição neutra. Quando chegou a hora de confrontar os assírios, eles, antes, sem hesitar, atacaram Judá, na esperança de assustar Acáz para que ele se juntasse à confederação, ou para amedrontar os seus súditos para que esses o depusessem.

⁵⁴ TADMOR, H. ‘Azriau of Yaudi’. *Scripta Hierosolymitana* VIII. Jerusalem: Magnes Press, 1961, p. 232-271.

⁵⁵ 2 Reis 15.19-23.

⁵⁶ 2 Reis 15.22.

⁵⁷ 2 Reis 15.25.

⁵⁸ “הַעֲשָׂיִם הָאֵלֶּים” (Isaías 7.4).

O ataque da liga de Estados Siro-Palestinos contra Judá é chamado de Guerra Siro-Efraimita. A liga de Estados teve sucesso na medida em que assustou Acaz. Tal guerra “moveu o seu coração (o coração do rei), e o coração do seu povo, como se movem as árvores do bosque com o vento”.⁵⁹ Judá de repente se viu cercado de inimigos por todos os lados.

Os exércitos combinados de Israel e Damasco sitiaram Jerusalém. O exército sírio enviou destacamentos para libertar Edom, o vassalo de Judá. Os edomitas rapidamente capturaram Elate, o porto do Mar Vermelho de Judá, e começaram a atacar o sul de Judá.⁶⁰ Enquanto isso, os filisteus recuperaram partes do território judaico anteriormente tomados dos próprios filisteus.

Os adversários do rei Acaz chegaram a propor um substituto para ele, um certo “filho de Tabeal”.⁶¹ Ainda assim, Acaz suportou o cerco cuidando de Jerusalém e sendo apoiado pelo profeta Isaías, que previu a queda tanto de Samaria quanto de Damasco.⁶² Além disso, Acaz enviou mensageiros a Tiglate-Pileser III para propor uma aliança.⁶³ Ademais, ele tomou prata e ouro da casa do SENHOR, dos tesouros e do palácio real e os enviou ao rei da Assíria.⁶⁴ Acaz também fez mudanças no culto: algumas inovações foram implantadas no Templo para agradar o rei da Assíria.⁶⁵

As medidas de Acaz trouxeram aparentes benefícios. Rezim foi derrotado⁶⁶ e três campanhas assírias sucessivas (734-732 a.C.) permitiram a conquista da planície costeira, desde Tiro até a fronteira egípcia. Os assírios conquistaram Damasco e ocuparam as fronteiras, impedindo o Egito de apoiar os Estados Palestinos.

O principal interesse está no reino de Israel, que foi o principal alvo da segunda campanha de Tiglate-Pileser III e cuja invasão redundou em exílio. Samaria e a parte central e meridional do Reino do Norte, Efraim, saíram ilesas dessa campanha. Mas os assírios devastaram a Galileia, no norte do país. Hazor foi impiedosamente destruída para nunca mais ser reconstruída, ainda que construções eventuais assírias façam parte

⁵⁹ Isaías 7.2.

⁶⁰ 2 Reis 16.6.

⁶¹ Isaías 7.6.

⁶² Isaías 9-10.

⁶³ 2 Reis 16.7.

⁶⁴ 2 Reis 16.7-8.

⁶⁵ 2 Reis 16.10-18.

⁶⁶ 2 Reis 16.9.

de sua paisagem após o deslocamento de sua população.⁶⁷ Megido sofreu um destino parcialmente semelhante, e a construção de edifícios assírios e a reocupação das edificações com estrangeiros no espaço deixado pela população deslocada é perceptível em seus restos materiais arqueologicamente identificados.⁶⁸

Há três grandes frentes no ataque assírio: desde Hazor, tropas assírias marcharam para o oeste e dominaram a planície costeira na área de Acco e Dor. Outro grupamento marchou para o sudoeste e destruiu Megido. Um terceiro grupo marchou para o sul e para o leste, e apossaram-se da Transjordânia israelita.

No período entre 732 e 724 a.C., foram criadas as províncias assírias de Dor (na costa até o Monte Carmelo), Megido (Galileia) e Gileade (leste do Jordão). Anteriormente, os assírios também haviam criado as províncias de Damasco, Qarnaim, Hauran e até mesmo a província de Gaza no extremo sul. Também foi estabelecida a província assíria de Asdode no norte da Filístia. Os assírios não adotaram comumente a estratégia de renomear cidades conquistadas,⁶⁹ mas organizaram estruturas políticas e administrativas de forma a viabilizar a estabilidade dos territórios conquistados.

Os cidadãos de Samaria tornaram-se os próximos a serem dominados. Os esforços para dissuadir Tiglate-Pileser III de seus planos de executar novos ataques envolveu a mudança do governo em Israel. A Bíblia Hebraica registra que “Oseias, filho de Elá conspirou contra Peca, filho de Remalias, e o feriu, e o matou, e reinou em seu lugar, no vigésimo ano de Jotão, filho de Uzias”.⁷⁰ Em outras palavras, Oseias subiu ao trono como líder de uma facção pró-Assíria, o que tornou Israel um país vassalo.

Nesse ponto da história, tanto Israel quanto Judá são igualmente vassalos da Assíria. Mas a situação era de ruína político-econômica: Israel perdeu dois terços de seu território. Isaías, que assistiu a esses eventos, alude à invasão de Tiglate-Pileser III em Isaías 9.1, e pode estar se referindo às três novas províncias quando fala de “o caminho

⁶⁷ Após a destruição de Hazor por Tiglate-Pileser III, uma residência assíria foi construída a nordeste das ruínas. Ver: REICH, R. Assyrian Royal Buildings in the Land of Israel. In: KEMPINSKI, A.; REICH, R. (eds.). *The Architecture of Ancient Israel*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1992, p. 214–222.

⁶⁸ Ver: PEERSMAN, J. Assyrian Magiddu: The Town Planning of Stratum III. In: FINKELSTEIN, I.; USSISHKIN, D.; HALPERN, B. *Megiddo III: The 1992–1996 Seasons*. Tel Aviv: Tel Aviv University, Institute of Archaeology, 2000, p. 524-534.

⁶⁹ BAGG, A. M. *Die Assyrer und das Westland: Studien zur historischen Geographie und Herrschaftspraxis in der Levante im 1. Jt. v. u. Z.* Leuven: Peeters Publishers, 2011, p. 282-283; PONGRATZ-LEISTEN, B. Toponyme als Ausdruck assyrischen Herrschaftsanspruchs. In: PONGRATZ-LEISTEN, B.; KÜHNE, H.; XELLA, P. (eds.). *Ana šadī Labnāni lū allik: Beiträge zu altorientalischen und mittelmeerischen Kulturen. Festschrift für Wolfgang Röllig*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1997, p. 325-343.

⁷⁰ 2 Reis 15.30.

do mar” (ou seja, a província de Dor, na costa do Mediterrâneo), da terra “além do Jordão” (ou seja, a província de Gileade) e a “Galileia dos gentios” (ou seja, a província de Megido, a capital administrativa assíria). As antigas áreas tribais de Zebulom e Naftali, ao qual Isaías também se refere, foram, também, perdidas e muitos de seus habitantes foram deportados para a Assíria.⁷¹

Israel, nesse período, era menor e mais fraco. Ainda assim, os orgulhosos moradores de Samaria estavam irritados com as humilhações promovidas por Tiglate-Pileser III. Enquanto isso, o rei Oseias prestava homenagens ao rei assírio e ignorava a inquietação de seus súditos.

Em 727 a.C., Tiglate-Pileser III morreu, o que parecia ser um momento propício para se rebelar. No entanto, o filho de Tiglate-Pileser III, Salmaneser V, não encontrou dificuldade para sucedê-lo no trono. Oseias, o rei de Israel, que pagara tributos aos assírios, decidiu suspendê-los porque contava com as promessas de apoio do faraó egípcio.⁷² As fontes assírias mencionam a atuação de um general egípcio operando em Gaza no início do reinado de Sargão II.⁷³

O resultado da negativa em pagar tributos fez com que Samaria sofresse um duro cerco assírio por três anos. A cidade foi derrotada em 722 a.C., pouco antes da morte de Salmaneser. É possível atestar arqueologicamente a destruição assíria pela observação dos restos do estrato VI de Samaria, sendo o estrato VII correspondente à Samaria assíria.⁷⁴ Seu filho, Sargão, sem dúvida ajudou no cerco e reivindicou o crédito pela captura da cidade.

As políticas de deportação de israelitas adotadas pelos assírios

A dominação territorial assíria foi acompanhada, em cada fase, da deportação de alguns israelitas. Os assírios conservavam registros das deportações realizadas. Tiglate-Pileser III, por exemplo, deixou registros da deportação em uma lista que hoje está

⁷¹ Isaías 9.1.

⁷² 2 Reis 17.4.

⁷³ BORGER, R. Das Ende des agyptischen Feldherren Sibe'=Sô. *Journal of Near Eastern Studies* 19, 1960, p. 49-53; GOEDICKE, H. The End of 'So, King of Egypt. *Bulletin of the American School of Oriental Research* 171, 1963, p. 64-66.

⁷⁴ Períodos na cronologia de Samaria: CHAPMAN, R. Kathleen Kenyon at Samaria. Comunicação apresentada na conferência *British Groundbreakers in the Archaeology of the Holy Land*. Jerusalém: The Kenyon Institute, 2007.

parcialmente quebrada, mas que demonstra o total de 13.520 deportados.⁷⁵ Sargão levou para o cativeiro 27.290 israelitas,⁷⁶ e a Bíblia indica que eles foram levados para o noroeste da Mesopotâmia e para a Média. Nomes hebraicos foram encontrados em registros em Nínive e Nimrud.⁷⁷ A história de Tobias trata dos israelitas que se estabeleceram em Nínive e na Média.

Os 27.290 samaritanos deportados foram substituídos por pessoas deportadas de outros lugares. Esses colonos da Babilônia e da Síria foram, com o tempo, assimilados aos outros israelitas e ao Javismo. Assim, os samaritanos posteriores misturavam elementos israelitas e estrangeiros. Por causa disso, eles eram desprezados pelos judeus.

Em relação à condição dos desterrados, não há evidências suficientes para confirmar ou negar a frequente suposição de que a região era composta de remansos provinciais e empobrecidos no período neoassírio.⁷⁸ A evidência arqueológica do Levante do Sul (Israel, Palestina e Jordânia), porém, permite concluir claramente a ocorrência de destruições e deportações que acompanharam a conquista assíria.

Os decréscimos populacionais que se seguiram à destruição das cidades de Israel, bem como as recuperações demográficas e até mesmo o florescimento de algumas áreas sob o domínio assírio, são identificáveis nesses sítios, ao mesmo tempo em que é possível identificar áreas permanentemente despovoadas.⁷⁹

Publicações recentes de escavações de sítios da Idade do Ferro II-III no norte do Levante demonstram uma variabilidade desses assentamentos após a incorporação assíria: eles vão desde o desenvolvimento econômico semelhante ao encontrado no sul do Levante, até ao abandono, no caso de alguns sítios. São importantes os exemplos de Tell 'Acharneh;⁸⁰ de Tell Mishrifeh, lugar caracterizado pelo decréscimo

⁷⁵ WINTON, T. (ed.). *Documents from Old Testament Times*. New York: Harper & Brothers, 1961, p. 103.

⁷⁶ LUCKENBILL, D. D. *Ancient Records of Assyria and Babylon*. Chicago: Oriental Institute University of Chicago, 1926.

⁷⁷ DALLEY, S. Recent Evidence from Assyrian Sources for Judaeon History from Uzziah to Manasseh. *Journal for the Study of the Old Testament*, 28(4), 2004, p. 387-401.

⁷⁸ DIAKONOFF, I. M. Main Features of the Economy in the Monarchies of Ancient Western Asia. In: FINLEY, M. I. (ed.). *Troisième conférence internationale d'histoire économique, The Ancient Empires and the Economy*. Paris: Mouton, 1969, p. 13-32 (especialmente, p. 29); WINTER, I. J. Carchemish ša kišad Puratti. *Anatolian Studies* 33, 1983, p. 177-197.

⁷⁹ NA'AMAN, N. Population Changes in Palestine Following Assyrian Deportations. *Tel Aviv* 20, 1993, p. 104-124.

⁸⁰ COOPER, E. & FORTIN, M. Tell 'Acharneh in the Middle Orontes Valley and the Assyrian Presence in Syria. In: FRAME, G. (ed.). *From the Upper Sea to the Lower Sea: Studies on the History of Assyria and Babylonia in Honour of A. K. Grayson* (Publications de l'Institut Historique-Archéologique Néerlandais de Stamboul 101). Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2004, p. 17-56.)

populacional;⁸¹ e por Tell Tuqan, sítio continuamente ocupado mesmo com as campanhas assírias na região.⁸² Dignas de nota são Tell Afis⁸³ e Tille Höyük, cujo florescimento indica o desenvolvimento a partir da presença assíria na região.⁸⁴

Tradicionalmente, o padrão de assentamento considerado para o Levante meridional foi o desenvolvimento promovido pelos assírios de áreas economicamente produtivas, com o objetivo de fornecer lucro para o império; e o abandono das áreas menos produtivas.⁸⁵ Porém, a inconstância dos dados provenientes das evidências materiais evidencia que outras preocupações estratégicas determinavam o investimento ou abandono de uma região, especialmente em sítios fronteiriços cuja fronteira era volátil.⁸⁶ Tratar plenamente do impacto da incorporação imperial assíria sobre as populações sujeitas aos assírios envolve considerar o amplo escopo da pesquisa regional, que deve ser complementado por outras investigações, especialmente a que diz respeito à densidade populacional. Uma resolução espacial e diacrônica mais refinada, fornecida pelas múltiplas metodologias da arqueologia doméstica, ajuda na elucidação de tais questões.

A realização de escavações contextuais cuidadosas e os levantamentos de domicílios grandes e pequenos em diferentes tipos de assentamentos em todo o império permitem a produção de evidências de mudanças no grau de prosperidade entre os diferentes grupos sociais e étnicos. Esse tipo de investigação também permitiu identificar o potencial de desenvolvimento das racionalizações econômicas (como a especialização, a intensificação e a participação no mercado) e forneceu evidências do ímpeto por trás delas, seja sob patrocínio imperial, seja por iniciativa local.

As capitais assírias e as cidades do Antigo Israel

⁸¹ MORANDI BONACOSSÌ, D. Continuity and Change in the Town Planning and Material Culture of Iron Age II and III Mishrifeh, Central Syria. *Syria* 86, 2009, p. 119-132.

⁸² BAFFI, F. (ed.). *Tell Tuqan: Ricerche archeologiche italiane nella regione del Maath (Siria)*. Lecce: Congedo Editore, 2006. *Tell Tuqan: Excavations 2006–2007*. Galatina: Congedo Editore, 2008.

⁸³ SOLDI, S. Aramaeans and Assyrians in North-western Syria: Material Evidence from Tell Afis. *Syria* 86, 2009, p. 97-118.

⁸⁴ BLAYLOCK, S. R. *Tille Höyük 3: The Iron Age. 1. Introduction, Stratification, and Architecture*. London: The British Institute at Ankara, 2009.

⁸⁵ ALLEN, M. *Contested Peripheries: Philistia in the Neo-Assyrian World-System*. Tese de doutorado. Los Angeles: University of California, 1997.

⁸⁶ NA'AMAN, N. Ekron under the Assyrian and Egyptian Empires. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 332, 2003, p. 81-91; MASTER, D. Trade and Politics: Ashkelon's Balancing Act in the Seventh Century BCE. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 330, 2003, p. 47-64.

As escavações revelam um aumento substancial nas últimas décadas do Império Neoassírio do número de casas grandes e pequenas, tanto em locais provinciais quanto nas capitais assírias.

Abundantes dados de escavações das cidades assírias incluem Nínive, Aššur, Ziyaret Tepe⁸⁷, Tell Sheh Hamad⁸⁸, Tell Ahmar⁸⁹, Tille Höyük⁹⁰, Tell Afis⁹¹, Tell Kazel⁹² e Tel Miqne-Ekron⁹³. Ainda que a análise das evidências arqueológicas seja insuficiente para a construção de uma teoria detalhada a respeito dos modelos de dominação econômica do Império Assírio, o estudo das áreas de atividade como em Tell Ahmar⁹⁴, ou de áreas domésticas, permite a identificação de tendências na economia doméstica e na organização social que acompanham a incorporação imperial. A Bíblia Hebraica e a investigação das tradições a respeito do exílio de Israel auxiliam na elucidação desses modelos de dominação econômica.

Os padrões de deportação e provincianização impostos pelo Império Assírio envolveu grandes danos: destruição de cidades; queima de aldeias; pilhagem de gado e plantações; corte de árvores frutíferas e vinhedos; e a deportação dos povos conquistados. Tais ações terríveis visavam propagar o terror imposto contra quem resistia aos assírios.

Tais operações de guerra, com suas consequências diretas e colaterais, infligiram grandes prejuízos à população e à economia locais. Caso os dados assírios estejam corretos, uma porcentagem significativa da população foi levada. Tais deportações não ficaram restritas à família real: pessoas do campo, das cidades, das aldeias, mulheres, jovens, velhos foram levados. Ainda assim, é certo que grande parcela do contingente

⁸⁷ MATNEY, T.; MACGINNIS, J.; WICKE, D.; KÖROĞLU, K. *Ziyaret Tepe: Exploring the Anatolian frontier of the Assyrian Empire*. Edinburgh, Scotland & Istanbul Turkey: Caique Publishing, 2017.

⁸⁸ FREY, W.; JAGIELA, C.; KÜRSCHNER, H. Holzkohlefunde in Dur-Katlimmu/Tall Seh Hamad und ihre Interpretation. In: KÜHNE, H. (ed.). *Die rezente Umwelt von Tall Seh Hamad und Daten zur Umweltrekonstruktion der assyrischen Stadt DūrKatlimmu*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1991, p. 137-161.

⁸⁹ BUNNENS, G. Assyrian empire building and Aramization of culture as seen from Tell Ahmar/Til Barsib. *Syria Archéologie, art et histoire* 86, 2009, p. 67-82.

⁹⁰ BLAYLOCK, S. *Tille Höyük 3.2: The Iron Age: Pottery, Objects and Conclusions*. London: British Institute at Ankara, 2016.

⁹¹ MAZZONI, S. Tell Afis in the Iron Age: The Temple on the Acropolis. *Near Eastern Archaeology* 77, 2014, p. 44-52.

⁹² CAPET, E.; GUBEL, E. Tell Kazel: Six Centuries of Iron Age Occupation (c. 1200-612 B.C.). In: BUNNENS, G. (ed.). *Essays on Syria in the Iron Age*. Louvain: Peeters, 2000, p. 425-457.

⁹³ DOTHAN, T.; ZUKERMAN, A. A Preliminary Study of the Mycenaean IIC:1 Pottery Assemblages from Tel Miqne-Ekron and Ashdod. *BASOR* 333, 2004, p. 1-54.

⁹⁴ JAMIESON, A. S. Identifying Room Use and Vessel Function: A Case-Study of Iron Age Pottery from Building C2 at Tell Ahmar, North Syria. In: BUNNENS, G. (ed.). *Essays on Syria in the Iron Age*. Louvain, 2000, p. 259-303.

conduzido ao exílio foi de pessoas com habilidades e que constituíam mão de obra especializada.

A atuação assíria contra os que resistiam ao seu poder tem relação com a sua ideologia religiosa. A ideia assíria era que os resistentes ao domínio de seu deus Aššur, ou os que traíam o Império que estava sob a proteção desse deus, precisavam sofrer punições.⁹⁵ Porém, ao mesmo tempo, os assírios faziam o trabalho de reconstrução daquilo que fora destruído na guerra: palácios reais destruídos dão lugar a palácios provinciais assírios; a elite local é substituída por um grupo de oficiais assírios. Além disso, a deportação do povo local para a Assíria ou outras províncias assírias é compensada pela deportação de outras províncias para o local designado. O objetivo final é a assimilação linguística, cultural e política, com o objetivo de transformar a resistência dos derrotados em apoio.

Do ponto de vista imperial, esse é um processo de assimilação, de adesão e de pacificação. Porém, do ponto de vista do interesse do grupo local dominado, a implantação do domínio assírio corresponde à destruição severa da cultura. As capitais que sucumbiram ao poder assírio, como Samaria, Damasco, Hamate e outras, eram centros de poder político, onde o artesanato, o comércio, o culto religioso, a produção literária e todos os tipos de cultura local e distinta tornaram-se simplesmente satélites administrativos da assíria em suas regiões. A “restauração” dessas cidades tinha o objetivo de destruir a diversidade cultural, sem causar com isso um colapso econômico e demográfico.

A arqueologia demonstra bem a persistência do assentamento nas áreas conquistadas pelos assírios. Em Samaria, no nível do estrato VII, um fragmento de uma estela de Sargão II e duas tábuas administrativas da Assíria foram encontradas. Em 690 a.C., um governador de Samaria atuou como o epônimo. Em Megido, o projeto de reconstrução da cidade foi implantado, e a cidade passou a ter *layout* urbano ortogonal, em que o modelo de organização assírio foi aplicado. Em Gezer, foram encontradas duas tábuas assírias, indicando assim a existência na cidade de um centro administrativo; em Hazor, dois edifícios públicos erigidos pelos assírios foram escavados. Em Tel Kinneret, um forte com uma pequena residência assíria foi encontrado pelos arqueólogos. Além dessas cidades, Beth Shean, Tel-Dan, Siquém, Tirza, Laquis e Dotã foram reconstruídas, embora modestamente. O templo de Betel foi

⁹⁵ LAMBERT, W. G. The God Aššur. *Iraq* 45(1), 1983, p. 82-86.

reconstruído. Outros pequenos palácios provincianos foram construídos no típico plano assírio no extremo sul, entre o interior de Gaza e o vale de Berseba, em Tell Jemme, Tell Abu Salima, Tel Sera. O que se pode inferir disso é que os assírios tinham o interesse de controlar o acesso ao Delta do Nilo através e a partir do Neguebe.

Floresceram também no período assírio Dor e Ecom. As cidades que estavam sob o controle das guarnições e dos funcionários assírios eram mantidas sob vigilância e eram controladas por meio da “deportação cruzada”. Tal política de deportação envolveu cerca de 4,5 milhões de pessoas ao longo de três séculos, e desempenhou um papel essencial para o Império Assírio.⁹⁶

Samaria, conquistada no ano nono de Oseias, teve a sua população deslocada para Hala, em Habor, no vale do rio de Gozã e nas cidades dos medos.⁹⁷ O rei da Assíria trouxe gente da Babilônia, de Cutá, de Avva, de Hamate e de Sefarvaim, e os colocou nas cidades de Samaria, em lugar do povo de Israel.⁹⁸

A nova sociedade forjada pelos assírios tinha que ser miscigenada, dividida não entre dominantes e dominados, mas entre pessoas dominadas de diferentes origens. Os resultados foram imediatos e previsíveis: as resistências políticas, privadas de um contexto no qual se desenvolver, foram esmagadas.⁹⁹ A economia local foi salva.¹⁰⁰ No início, o saldo demográfico foi negativo, pois muitos deportados morriam a caminho, e aqueles que chegavam ao destino tinham muitos problemas para começar uma nova vida em um contexto totalmente desconhecido.¹⁰¹ Mas os esforços assírios para tornar as áreas conquistadas em áreas produtivas, povoadas e equipadas com templos e palácios fizeram com que famílias inteiras fossem deportadas para formarem comunidades homogêneas, onde elas poderiam sustentar o moral elevado e a vontade de viver e trabalhar.¹⁰²

⁹⁶ KARLSSON, M. *Relations of Power in Early Neo-Assyrian State Ideology*. Boston, Berlin: De Gruyter, 2016.

⁹⁷ 2 Reis 17.6.

⁹⁸ 2 Reis 17.24.

⁹⁹ O rei neoassírio é chamado de “controlador dos descarados” [mula”i teḫšūte], “matador dos obstinados” [munēr alḫūti] e “controlador de sua resistência obstinada” [mula ”i tašḫūtēšu]. Ver: KARLSSON, M. *Relations of Power in Early Neo-Assyrian State Ideology*. Boston, Berlin: De Gruyter, 2016.

¹⁰⁰ SNELL, D. C. Ancient Israelite and Neo-Assyrian Societies and Economies: A Comparative Approach. In: SNELL, D. C.; COHEN, M. E.; WEISBERG, D. B. (eds.). *The Tablet and the Scroll: Near Eastern Studies in Honor of William W. Hallo*. Bethesda: CDL Press, 1993, p. 221-224.

¹⁰¹ ODED, B. *Mass Deportations and Deportees in the Neo-Assyrian Empire*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 1979.

¹⁰² WINTER, I. ‘Seat of Kingship’/‘A Wonder to Behold’: The Palace as Construct in the Ancient Near East. *Ars orientalis* 23, 1993, p. 27-55; RUSSELL, J. M. The Program of the Palace of Assurnasirpal II at

A assimilação linguística ocorrida em contexto assírio foi totalmente em proveito do aramaico, a língua mais difundida no império e, principalmente, nas regiões de onde a maioria dos deportados veio, Síria e Babilônia. Mesmo na Assíria dos séculos VIII-VII a.C., o aramaico era usado como língua de administração e até como língua falada.¹⁰³

Quanto à assimilação religiosa, não havia a imposição da religião assíria, exceto em algumas cerimônias das províncias.¹⁰⁴ Então, o sincretismo difundido e variado entre os vários cultos importados pelos recém-chegados imperou no Império Assírio. A persistência dos cultos cananeus e a intolerância do Javismo com a idolatria foram fortes elementos de autoidentidade e de uma ligação étnica entre os dominados. Ainda assim, a tradição da Obra Histórica Deuteronomista testemunha o perigo constante de assimilação das divindades dos dominadores.¹⁰⁵

Conclusão

Uma das lições possíveis de serem aprendidas com a Bíblia Hebraica sobre as crises migratórias é que os conflitos e interesses geopolíticos motrizes de deslocamentos populacionais trazem consigo aspectos geradores e inventivos¹⁰⁶, uma vez que produzem novas formas de configurar as relações políticas e de ocupação, desocupação e reocupação dos espaços.

Ainda que um exílio, um êxodo ou a condição precária dos refugiados na permanência em terra estrangeira represente oportunidades de atuação e de solidariedade¹⁰⁷, tal condição é também constituidora da memória coletiva¹⁰⁸, a qual,

Nimrud: Issues in the Research and Presentation of Assyrian Art. *American Journal of Archaeology* 102 (4), 1998, p. 655-715.

¹⁰³ TADMOR, H. The Aramaization of Assyria. In: NISSEN, H. J.; RENGGER, J. (eds.). *Mesopotamien und seine Nachbarn. Politische und kulturelle Wechselbeziehungen im alten Vorderasien vom 4. bis 1. Jahrtausend v. Chr. Berliner Beiträge zum Vorderen Orient I*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1982, p. 449-470.

¹⁰⁴ PONGRATZ-LEISTEN, B. *Religion and Ideology in Assyria*. Boston, Berlin: Walter de Gruyter, 2015.

¹⁰⁵ 2 Reis 17.29-34.

¹⁰⁶ GARCÍA AGUSTÍN, Ó.; JØRGENSEN, M. B. *Solidarity and the 'Refugee Crisis' in Europe*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

¹⁰⁷ RAJARAM, P. K. *Beyond Crisis: Rethinking the Population Movements at Europe's Border*, 2015. <http://www.focaalblog.com/2015/10/19/prem-kumar-rajaram-beyond-crisis/>; GARCÍA AGUSTÍN, Ó.; JØRGENSEN, M. B. *Solidarity and the 'Refugee Crisis' in Europe*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019, p. 14.

¹⁰⁸ Memória coletiva é, segundo LE GOFF, “o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado” LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, J. Memória e História. Campinas: Unicamp, 1990. p. 472 (p. 423-483).

eivada de imagens e representações, e faz surgir um imaginário¹⁰⁹, eventualmente presente em narrativas e resgatáveis hoje na sua leitura, análise e interpretação.

O fato de as questões migratórias serem encontradas no imaginário constituído no decorrer da trajetória de grupos humanos, presente em múltiplos discursos, narrativas e artefatos com conotações particulares, permite que migrações, exílios, expatriações ou migrações propriamente ditas, bem como o eventual retorno de populações aos espaços ocupados antes das migrações, sejam passíveis de leitura hoje. Tal leitura interessa muito para a abordagem do problema migratório hoje, diante dos problemas elencados, especialmente a xenofobia e a rejeição da discussão do tema.

É fato que os sentidos das migrações, os quais pululam em narrativas e artefatos constituídos no decorrer da história humana, são também marcados pela dissonância e pela dissensão cujo eco pode ser ouvido na farta documentação textual e material que constitui os fundamentos da memória humana e da sua vida social e cultural. Isso é válido também para a Antiguidade.¹¹⁰

A ocorrência de desterramentos está registrada de forma marcante na Bíblia Hebraica como uma memória da dor do exílio. Tal memória é tão profunda que se ramifica no imaginário, nas imagens e nas representações relacionadas ao desterramento em passagens icônicas da Bíblia Hebraica relacionadas às origens arcaicas do Antigo Israel e as narrativas dos exílios propriamente ditos. Passagens que mencionam de forma histórica e direta os desterramentos, ou aquelas que os mencionam de forma simbólica, são janelas que permitem observar a profundidade de ancoramento da experiência de desterro nas tradições do Antigo Israel. Não por acaso, a Bíblia Hebraica afirma a necessidade de proteção ao forasteiro.¹¹¹

O caráter produtivo, inventivo e opressor das migrações forçadas de Israel ajudam a entender o imperialismo assírio e permitem acessar um vislumbre desde a Antiguidade dos benefícios para os impérios que submetem os povos conquistados e os deixam à mercê.

¹⁰⁹ JODELET, D. Representações Sociais; um Domínio em Expansão. In: JODELET, D. (org.). As Representações Sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 27-28; CHARAUDEAU, P. Representação social. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENAU, D. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004, p. 433; MAFFESOLI, A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2001, p. 75.

¹¹⁰ SAID, E. W. *Reflections on Exile: And Other Literary and Cultural Essays*. London: Granta, 2001.

¹¹¹ Êxodo 22.21.

A Bíblia Hebraica, porém, tem um lado. Ela não apresenta encadeamentos narrativos para louvar os poderosos e dominadores. Os discursos da Bíblia Hebraica enfocam os refugiados, os exilados e universaliza a sua condição de desamparo. Ela apregoa que alguém em condição sedentária e socialmente protegida precisa saber que faz parte da experiência humana a fragilidade em algum momento de sua existência. E então, o texto bíblico mostra-se favorável à solidariedade. Yahweh, o Deus da Bíblia Hebraica, vence quando faz de Israel, o seu povo, um povo cuja memória está apegada ao passado de peregrinação, escravidão e desterramento: uma memória que é embreadora da solidariedade com os desterrados. A Bíblia Hebraica fornece, sem dúvidas, uma pista para a resolução dos impasses migratórios, pois afirma que não pode faltar diante dos estrangeiros desterrados, exilados e desterritorializados a misericórdia, o acolhimento, o altruísmo. Eis o conselho da Bíblia Hebraica para lidar com crises migratórias:

וְגֵר לֹא תִלְחֹץ וְאַתֶּם יִדְעֶתֶם אֶת־נַפְשׁ הַגֵּר כִּי־גֵרִים הָיִיתֶם

Também não oprimirás o forasteiro; pois vós conheceis o coração do forasteiro, visto que fostes forasteiros... (Êxodo 23.9)